

Poligamia e os Dez Mandamentos

Gleason L. Archer

Por que ainda houve casamentos múltiplos (poligamia) em Israel após a concessão dos Dez Mandamentos?

Assim diz o sétimo mandamento: “Não adulterarás” (Êx 20.14). De que modo essa ordem teria afetado a vida de patriarcas como Abraão, que recebeu Hagar da parte de sua própria esposa, Sara, para ser sua substituta no leito conjugal? Ou a existência de Jacó, que não só se casou com Lia e Raquel, mas também tomou como concubinas a Bila e Zilpa, servas de suas esposas, e com elas teve filhos? É possível que o fato de o Decálogo não vir a Israel senão cinco séculos mais tarde pudesse ter atenuado o complexo de culpa oriundo da posse de muitas esposas. Mas que diremos do rei Davi, que viveu séculos depois da outorga da lei? Lemos em 2 Samuel 12.7, 8 que Deus lhe deu "as mulheres de seu senhor [Saul]", como se o próprio Senhor admitisse a poligamia. De que modo poderíamos conciliar esse fato com a monogamia que Jesus ensinou com tanta clareza em Mateus 19.9 e como entender seu ensino segundo o qual o Criador teria planejado uma só esposa para o homem desde o começo da raça humana?

Gênesis 2.23, 24, versículos que Cristo salientou, ensina que a monogamia é a vontade de Deus para o homem. Tendo Adão sido presenteado com uma esposa, Eva, assim desejou o Senhor, segundo registra a Bíblia: "Disse então o homem: 'Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada'. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne". Portanto, não é possível que um marido constitua uma unidade com seu cônjuge, se tiver outra mulher — ou outras esposas. Esse ponto é bem esclarecido numa analogia de Efésios 5.23: "Pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo do qual lhe é o Salvador". A implicação aqui é que só existe uma única igreja, a qual tem um relacionamento com o Noivo celestial semelhante ao de uma esposa com seu marido. Jesus não é o cabeça de muitas igrejas

diferentes; ele tem apenas um corpo místico — não vários —, pelo que sua única igreja é vista como o antítipo de um casamento monogâmico. Exclui-se, pois, a poligamia, de modo absoluto.

Quando examinamos o registro escriturístico, percebemos que todos os casos de poligamia ou concubinato representaram sério fracasso do homem na observância do modelo e do plano originais de Deus. A primeira referência à poligamia encontramos em Gênesis, na vida de Lameque, filho de Metusael, que, além de ostentar um espírito terrivelmente vingativo contra as pessoas com quem tivera atritos, segundo Gênesis 4.23, 24, gabava-se de ter duas esposas. Depois dele, não há menção de outro casamento poligâmico senão na época de Abraão.

No caso de Abraão, Sara é sempre mencionada como sua única esposa, enquanto ela viveu. Mas, ao convencer-se de que não poderia dar filhos a seu marido, o presenteou com sua serva Hagar, para que a representasse no leito conjugal. Isso significa que a escrava tornou-se concubina de Abraão, e não sua esposa legítima. No entanto, até mesmo essa tentativa de "ajudar a Deus" a cumprir sua promessa, segundo a qual Abraão se tornaria o pai de uma grande nação, veio a tornar-se causa de amargura e de dissensão dentro de sua própria casa; por fim, Hagar precisou ser mandada embora, carregando seu filho Ismael (Gn 21.12-14).

O filho de Abraão, Isaque, casou-se com uma única esposa, Rebeca, sendo fiel a ela durante toda a sua vida. No entanto, o filho deles, Esaú, voluntarioso e egoísta, amargurou o coração de seus pais ao praticar a poligamia, e com mulheres de fé diferente: ambas eram pagãs (Gn 26.34). Mais tarde, Esaú tomou uma terceira esposa, Maalate, filha de seu tio Ismael (Gn 28.9), e Oolibama (cf. Gn 26). Pelo seu mau procedimento, ele não é exemplo que os crentes de hoje possam seguir.

No caso de Jacó, seu grande amor concentrava-se numa única mulher, Raquel, filha de Labão. Foi só por causa da traiçoeira manobra de seu sogro que ele caiu num laço e casou-se também com Lia. Mais tarde, surgiu entre as irmãs uma rivalidade por causa da fertilidade de Lia e da esterilidade de Raquel. E ambas usaram o expediente infeliz de Sara: presentearam Jacó com suas servas Bila e Zilpa, as quais

passaram a partilhar o leito conjugal no lugar das esposas legítimas. Entretanto, no que dizia respeito a ele, não houve de sua parte nenhum desejo de tornar-se um polígamo. O que fez, na verdade, foi apaixonar-se por Raquel; a seguir, uma coisa conduziu a outra, e ele acabou tendo quatro "jogos" de filhos, ou quatro "ninhadas", que se tornaram os ancestrais das doze tribos de Israel. Deus foi soberanamente gracioso em aceitá-los segundo seu plano para multiplicar a descendência de Abraão. Mas o lar de Jacó foi infeliz, pelo menos de início, dilacerado pelo ciúme e pela dissensão e marcado pela crueldade e falsidade.

Não é fácil tratar o problema da poligamia nos tempos do AT. No entanto, esse tipo de procedimento não deve ser considerado adultério, de modo que representasse real violação do sétimo mandamento; é que, nos tempos passados, quando alguém tomava uma segunda esposa, ligava-se a ela tão completamente quanto estava unido à primeira. Desse modo, todas as mulheres de Davi eram igualmente a "senhora Davi", por assim dizer. De maneira semelhante, o homem tinha a obrigação de agradar e sustentar as concubinas e a elas atender em tudo e por tudo. Isso era totalmente diferente de ele estabelecer um relacionamento ilícito com a esposa do próximo. No que concerne às mulheres de Saul — ou às de qualquer outro rei falecido, quanto a essa questão —, elas geralmente recebiam o encargo de proteger e cuidar do sucessor do marido. De outra forma, o casamento posterior de alguém com a viúva de um rei poderia conceder ao novo esposo o direito ao trono. (Essa foi a razão por que Salomão ficou alarmado diante da proposta de Adonias de casar-se com a viúva mais jovem do rei Davi, Abisague. Ele entendeu esse ato como uma esperta manobra, como parte de um complô para derrubá-lo [1Rs 2.22].) Portanto, essa norma funcionava desde que uma mulher se tornasse a esposa de um rei (como rainha, esposa secundária ou concubina). Era seu o direito reter esse status ainda que o marido tivesse falecido. O sucessor do monarca tomá-la-ia. Presumivelmente, porém, os filhos tratariam de todas as esposas de seu pai como pensionistas respeitáveis, no palácio, evitando um relacionamento incestuoso com elas.

Na verdade, a poligamia era contrária à vontade de Deus, ao ideal estabelecido pelo Senhor; no entanto, por causa do que Cristo chamou

de "dureza de coração de vocês" (Mt 19.8), ela era tolerada — de modo especial no procedimento de um líder político cuja dinastia se desfaria, caso ele não conseguisse tornar-se pai de um filho com sua primeira esposa. Essa situação poderia dar origem a uma guerra civil, com derramamento de sangue e esfacelamento do reino. Todavia, de vez em quando se ouviam referências ocasionais a homens que tomavam várias esposas, até mesmo no caso de cidadãos comuns, como foi o exemplo do pai de Samuel, Elcana. Entretanto, com o passar do tempo, prevaleceu no seio do povo de Deus uma compreensão melhor a respeito da vontade do Senhor a respeito do casamento. A partir da época do retorno do exílio babilônico (cerca de 537 a.C), deixa-se de ouvir sobre poligamia entre o povo de Deus; os livros pós-exílicos do AT não a mencionam. À época de Cristo, a monogamia era a regra geral entre os gregos e romanos, bem como no meio dos judeus. A afirmação de Jesus do princípio de "uma só carne" no casamento (que só faz sentido num contexto de monogamia) encontrou pronta aceitação entre seus irmãos israelitas (Mt 19.5, 6).

Norman Geisler tem um excelente resumo da posição bíblica sobre esta questão:

Existe ampla evidência, até mesmo no AT, de que a poligamia não era o ideal de Deus para o ser humano. Vê-se que a monogamia era o desejo óbvio do Senhor para o homem, quando examinada de diversas perspectivas. 1) Ele fez uma só esposa para Adão e, assim, estabeleceu um precedente ideal para a humanidade. 2) A poligamia é mencionada pela primeira vez como elemento constitutivo da civilização depravada fundada por Caim (Gn 4.23). 3) Deus proibiu com máxima clareza a todos os reis de Israel a prática da poligamia, ao dizer: "Ele não deverá tomar para si muitas mulheres, se o fizer, desviará o seu coração" (Dt 17.17); entre os líderes houve os que se tornaram polígamos. 4) Os santos que se tornaram polígamos pagaram caro esse atrevimento pecaminoso. Diz 1 Reis 11.1, 3: "O rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras, além da filha do faraó. Eram mulheres moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hititas [...] Casou com setecentas princesas e trezentas concubinas, e as suas mulheres o levaram a desviar-se". 5) A poligamia usualmente

insere-se no contexto do pecado, no AT. A união de Abraão com Hagar foi sem dúvida alguma um ato carnal de incredulidade (Gn 16.1s). Davi não estava no clímax de sua vida espiritual quando desposou Abigail e Ainoã (1Sm 25.42, 43), e tampouco Jacó quando se casou com Lia e em seguida com Raquel (Gn 29.23, 28). 6) O relacionamento poligâmico de modo algum é o ideal. Criava grande ciúme entre as esposas. Jacó amava a Raquel mais que a Lia (Gn 29.31). Uma das esposas de Elcana era considerada a “rival”, ou a adversária, da outra, que “a provocava continuamente, a fim de irritá-la...” (1 Sm 1.6). 7) Quando há referência à poligamia, usa-se o tempo verbal presente do subjuntivo, em vez de o imperativo ou o presente do indicativo. “Se o senhor tomar uma segunda mulher para si, não poderá privar a primeira de alimento, de roupas e dos direitos conjugais” (Êx 21.10). A poligamia nunca foi o ideal moral, mas o polígamo deve ser moralizado. (*Ethics: alternatives and issues*, Grand Rapids, Zondervan, 1971, p. 204-5.)

Fonte: Enciclopédia de temas bíblicos: respostas principias dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia (Editora Vida), p. 108-110.